

Na Ceilândia, situação é pior

Se o estado das escolas de Taguatinga é grave, as da Ceilândia enfrentam dificuldades ainda maiores, segundo o diretor do Complexo C daquela satélite, Adalberto Duarte de Oliveira. O Complexo C da Ceilândia é o 2º maior em número de alunos, tem cerca de 33 mil acomodações somente em 22 escolas.

Com um quadro de pessoal reduzido e 90 turmas excedentes, que têm aulas no turno intermidiário, ou "turno da fome", a direção do Complexo C tem que fazer verdadeiros malabarismos para continuar atendendo os alunos da melhor forma possível.

Uma alternativa encontrada para permitir que as aulas recomeçassesem onde a reforma dos banheiros ainda não terminou foi reduzir o horário letivo para duas horas. "No meu complexo tem escolas onde as crianças só estão tendo aula duas horas, porque não podem ficar quatro horas sem ir ao banheiro", afirma Adalberto.

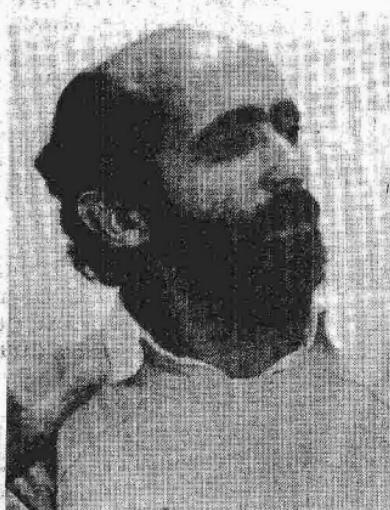
Segundo ele, os banheiros co-

meçaram a ser reformados no início das férias, em novembro, mas as firmas encarregadas da reforma dizem que não sabem quando será possível terminar o trabalho porque não encontram material disponível no merca-

do. A água filtrada também está escassa nas escolas da Ceilândia. Adalberto comenta que tem unidades com 1 mil 700 alunos que dispõem somente de dois filtros de barro para atender os alunos.

— Chego a pensar que há um grande interesse dos nossos governantes de privatizar a Educação. Não se investe quase nada na educação pública, parece até que há um lobby montado neste sentido — desabafa Adalberto Duarte. Ele comenta que há um grande número de pedidos de demissão ou suspensão do contrato por parte de professores e pessoal de apoio, descontentes com os baixos salários.

— Quem montar uma barraquinha na feira ganha muito mais do que como professor, e não tem o compromisso e a responsabilidade social do educador — observa Adalberto, com quem Adelson Vieira, diretor do Complexo B de Taguatinga, concorda plenamente: "Estamos falidos".



Adalberto: barraca dá mais